

Imagens do estrangeiro no livro III das *Geórgicas* de Virgílio: um “itinerário guiado” através dos topônimos e adjetivos pátrios*

Matheus Trevizam

RESUMO

Nesse artigo, depois de expor alguns dados que comprovam a relevância cultural do contato com o estrangeiro na cultura romana, exemplificamos e explicamos como essa mesma questão é tratada no livro III das *Geórgicas* de Virgílio. Assim constatamos, nessa parte do poema, que as menções ao estrangeiro, em geral permeadas pelo emprego gramatical de topônimos e adjetivos pátrios (substantivados ou não), ora ocorrem objetivamente, sob a forma de alusões ao mundo geográfico ou etnográfico, ora trazendo à tona a existência de itens materiais/produtos cuja proveniência é externa à Itália (como o múrice da Fenícia), ora vinculando personagens míticas, sobretudo, a certos ambientes do mundo grego. Além disso, tais referências assumem de forma sobreposta significados muito distintos, que se vinculam, por exemplo, às efetivas conquistas militares de Roma, aos feitos do poeta e até ao reconhecimento de valor no que não é itálico.

PALAVRAS-CHAVE

Geórgicas; estrangeiro; alteridade.

D

INTRODUÇÃO

Comparando as *Geórgicas*, poema didático do maior poeta de Roma antiga, encontramos uma obra de todo capaz de acolher aspectos culturais relevantes, inclusive, para o momento histórico em que foi composta. A título de uma sumária recapitulação, sabe-se que esse poema foi provavelmente escrito entre 37 a.C. e 29 a.C., cobrindo-se, assim, os sete anos reputados como os de sua redação completa (VIDAL, 2007, p. 166). Por esse tempo (31 a.C.), com a definitiva derrota de Marco Antônio e Cleópatra na batalha naval de Ácio, Otaviano Augusto pôs fim às Guerras Civis e, aos poucos, instaurou uma nova forma de governo, o Principado.

Ora, um dos aspectos significativos para tal período da Antiguidade latina corresponde justo ao tópico das relações dos romanos com certos povos externos, vale dizer, alheios aos parâmetros norteadores de sua própria cultura.¹ Ao longo dos séculos, desde suas modestas origens como um povoado de raízes camponesas e restritamente implantado no vale do Tibre (LE GLAY et al., 2008, p. 17 *et seq.*), Roma viu-se amiúde desafiada pela necessidade de confrontar, ou mesmo assimilar, o Outro, com vistas a garantir que sobrevivesse ou se adaptasse a um mundo em constantes transformações.

Embora esse processo de posicionamento diante da diferença tenha-se iniciado já nos tempos em que os romanos começaram sua expansão sobre a Itália, a qual se constituía, no Mundo antigo, em um verdadeiro mosaico de povos – latinos, sabinos, etruscos, úmbrios, gregos no extremo sul ou na Sicília –,² ele se intensificou e assumiu maiores proporções quer devido aos frequentes encontros, por vezes involuntários, com oponentes fortes e muito distintos (caso dos gauleses), quer devido ao deliberado impulso das conquistas da Urbe para uma escala mundial.

Para Arnaldo Momigliano, dessa forma, que decerto tem em mente eventos como a dramática invasão e saque de Roma pelos gauleses, ocorridos no ano de 381 a.C. (LE GLAY et al., 2008, p. 46),³ bem como as campanhas hispânicas de Catão, o Velho, ensejo para que enfrentasse os celtiberos em defesa da república,⁴ e as próprias vitórias de Júlio César na *Gallia comata* (58-51 a.C.), as quais (re)afirmaram o domínio dos latinos no oeste da Europa,

foi pela conquista dos celtas na Itália, Gália, Espanha, Britânia e nos países do Danúbio que o Império Romano se consolidou como um poder mundial. Foi também nos países célticos que a romanização celebrou seu triunfo mais truculento. A civilização céltica foi devastada e soterrada (MOMIGLIANO, 1993, p. 72).

Por sua vez, as conquistas de Roma na bacia do Mediterrâneo, as quais tiveram no episódio das Guerras Púnicas (264-146 a. C.) seu núcleo mais significativo, representaram a abertura da República para um “irremediável” fluxo de contatos com o estrangeiro, como se deu já diante da inimiga debelada, Cartago, cujas possessões e, em alguma medida, saberes práticos⁵ acabaram agregados ao patrimônio dos romanos. Entre meados do séc. II a.C., ainda, e fins do séc. I a.C., conta-se a incorporação à República de províncias como a Macedônia (148 a.C.), a Grécia e a África (146 a.C.), a Ásia (133 a.C.), a Cilícia (102 a.C.), a Bitúnia e a Cirenaica (74 a.C.), Creta (67 a.C.), a Síria (64-63 a.C.), Chipre (58 a.C.), a Gália Transalpina (51 a.C.), a Numídia (46 a.C.) e o Egito (30 a.C.), com a consequente projeção dos horizontes relacionais de Roma para muito além de um âmbito apenas local (GRIMAL, 2009, p. 46).

Nas *Geórgicas*, propriamente, a questão do contato com o estrangeiro – e as várias posturas daí decorrentes, as quais não necessitaram, sempre, ser “depredatórias” ou de rejeição – perpassa seus quatro livros. Assim, podemos citar como exemplos, os quais por vezes se vinculam ao nome de “César” (Otaviano), o que ocorre em I, 56-59; II, 170-172; III, 28-29; IV, 559-562. O trecho do livro I em questão, a saber, enumera vários bens importados e suas zonas, ou produtores, de origem [açafraão/Tmolo, marfim/Índia, incenso/sabeus, ferro/cálibes, castóreo/Ponto, palmas (vitórias) das éguas da Élida/Epiro], elencando-nos itens, decerto, muitas vezes presentes nos hábitos de consumo dos mais abastados e, é evidente, advindos do contato comercial com o Outro (ANDREAU, 2010, p. 194-197).⁶

Nos livros II e IV, põe-se em cena a figura de Otaviano, à qual se associam posturas francamente combativas diante de povos como os asiáticos (*Asiae* – II, 171), os hindus (*Indum* – II, 172) e os habitantes das margens do Eufrates (*Euphraten* – IV, 561). Embora, segundo um comentador como Mynors, não se tenha notícia precisa de batalhas algum dia conduzidas por Otaviano Augusto contra a Índia,⁷ ou em ataque a específicos mesopotâmicos,⁸ sabe-se que essa personagem

histórica, na verdade, esteve envolvida com ações no oriente, como quando, por volta de 30 a.C., necessitou fazer rearranjos políticos – e os fez com sucesso – naquela zona do mundo, depois de derrotar Marco Antônio e sua consorte (LE GLAY et al., 2008, p. 165-166). Em III, 28-29, o poeta parece aludir elipticamente a um episódio em nexos com Ácio e seus desdobramentos, pois as “colunas feitas de bronze naval” (*nauali surgentis aere columnas* – II, 29) de que fala no contexto seriam elementos arquitetônicos advindos ao templo do Divino Júlio a partir dos *rostra* (“bicos”) metálicos das naus inimigas, capturadas naquela vitória por Augusto (VIRGIL, 1997, p. 45).

Também não podemos esquecer outras menções ao Egito no poema, sobretudo como terra de tradições e costumes antigos, mas alheios aos verdadeiros hábitos dos romanos: então, esse é o país eleito por Virgílio para localizar as origens de um exótico meio reprodutivo de abelhas/*bugonia* a partir das carcaças de novilhos mortos (IV, 287-294).⁹ Além disso, no mesmo livro IV(v. 210-211), quando cita a devoção excepcional das abelhas a seu “rei” – ou, como diríamos modernamente, à *rainha* da colmeia –,¹⁰ o poeta observa que não se encontram paralelos nem mesmo no Egito ou na “Lídia enorme”, entre os “povos dos Partos” e no “Hidaspes da Média”.¹¹

Longe de considerar essas referências a tantos “devotados” reinos do oriente um óbvio elogio, preferimos com Mynors (VIRGIL, 2003, p. 284) tê-las como espécie de crítica sutil a um despotismo, decerto, estranho às legítimas tradições republicanas de Roma: afinal, pairou até sobre Júlio César, como motivo de seu assassinato, a grave acusação de que aspiraria, talvez, à realeza (GIORDANI, 1968, p. 59).¹² Dessa maneira, de acordo com certos rumores públicos coevos, que faziam de Marco Antônio uma espécie de traidor de sua pátria em prol de interesses orientais ou, mais precisamente, egípcios,¹³ nem sempre vigora nas *Geórgicas* virgilianas uma imagem positiva em relação a essa parte do mundo situada bem a leste da Europa.

Nosso objetivo, na continuidade do artigo, será acompanhar sequencialmente, ao longo do livro III das *Geórgicas*, como se dá o tratamento pelo poeta de assuntos relativos a personagens, lugares ou itens rústicos em nexos com o mundo externo à ambiência local do poema, ou seja, a própria Itália.¹⁴ Assim, esperamos obter elementos passíveis de esclarecer-nos de que modo Virgílio se posiciona no

tocante a esse tópico de fundamental importância, em seu tempo ou em outros, para a cultura e as Letras de Roma antiga.

COMENTÁRIO SOBRE AS IMAGENS DO ESTRANGEIRO EM *GEÓRGICAS* III, ATRAVÉS DOS TOPÔNIMOS E ADJETIVOS PÁTRIOS (SUBSTANTIVADOS OU NÃO)

Já na *praelocutio* (v. 1-48) desse livro do poema didático de Virgílio encontramos elementos propiciadores de análises como aquelas a que nos dispomos aqui. Nela, com efeito, o poeta fala em “matas e rios do Liceu” (*silvae amnesque Lycae* – v. 2);¹⁵ “cumes Aônios” (*Aonio... uertice* – v. 11); “toda a Grécia” (*cuncta.../ Graecia* – v. 19-20); “Alfeu” (*Alpheum* – v. 19);¹⁶ “britânicos tecidos” (*intexti... Britanni* – v. 25); “luta dos gangáridas” (*pugnam.../ Gangaridum* – v. 26-27); “Nilo agitado” (*undantem.../ Nilum* – v. 28-29); “cidades dominadas da Ásia” (*urbes Asiae domitas* – v. 30); “Nifates vencido” (*pulsumque Niphaten* – v. 30); “Parto confiante na fuga e nas setas invertidas” (*fidenterque fuga Parthum uersisque sagittis* – v. 31); “apartados inimigos” (*diuerso ex hoste* – v. 32); “povos de ambos os mares” (*utroque ab litore gentis* – v. 33); “Citero” (*Cithaeron* – v. 43).¹⁷

Em todas essas menções, fazemos de início notar que se trata de lugares, ou povos estrangeiros, que se enquadram (ou parecem enquadrar-se, segundo a compreensão dos antigos)¹⁸ na imediata categoria de elementos geográficos/etnográficos *objetivos*. Dito diversamente, o Hélicon, monte situado na Beócia,¹⁹ bem como a Grécia, os britânicos e o rio Nifates em si corresponderam a dados concretos da espacialidade geográfica (ou do rol dos povos estrangeiros), tal como conhecida pelos romanos. Ainda, é viável distinguir ao menos dois grupos principais de alusões geográficas ou etnográficas no todo que acabamos de coligir: de um lado, então, encontramos elementos [como (1) “cumes Aônios”, (2) “toda a Grécia”, “Alfeu” e (3) “Citero”] associáveis a feitos poéticos do próprio Virgílio, na medida em que falam, é provável, (1) de seu gesto de emulação diante de Hesíodo, autor d’*Os trabalhos e os dias* e “pai” do gênero da poesia didática, o mesmo das *Geórgicas*;²⁰ metaforicamente, (2) da ascendência do poeta diante dos helenos, pois ele os “trará” desses lugares para disputas de carro ou pugilismo perto do templo que há de “fundar” às margens do Mincio, rio de sua Mântua natal, em honra de Otaviano Augusto (*Caesar* – v. 16).

Ora, uma interpretação para a imagem do estabelecimento do templo em honra de Augusto nesta *praelocutio* das *Geórgicas* corresponde justo à da figuração de intentos em nexos com a futura escrita de um poema épico (WILKINSON, 1997, p. 171-172),²¹ em que haveriam de estar César “ao centro” (*in medio* – v. 16),²² disputas não exatamente bélicas²³ ou mesmo efetivas guerras...²⁴ Nesse sentido, os “atletas” gregos que ele “importará” para a celebração do líder político a que temos aludido podem indicar-nos seus objetivos, ou capacidade futura, de vir a apropriar-se com sucesso de um assunto, antes, abordado até por Homero.²⁵

Por fim, a menção ao supracitado Citero encaixa-se no contexto de que tratamos com o sentido de algo vinculado (3) ao impulso compositivo *presente* do poeta, que evidentemente diz respeito não a ter sucesso na poesia bucólica – seu passado “encarnado” pelo *corpus* dos dez poemas ligeiros das *Églogas* –,²⁶ nem na épica/guerreira, mas sim na de focalização da lida agrária. Ora, o acidente geográfico em questão harmoniza-se com esse universo representacional na medida em que se associava a ele, na Antiguidade, o apascentar de rebanhos durante o verão (VIRGIL, 2003, p. 187), ou mesmo animais e *caçadas*, de modo genérico (VIRGIL, 2001, p. 181). Assim, justifica-se na passagem a referência aos “grandes gritos” (*ingenti clamore* – v. 43) e como que o conseqüente despertar do poeta para que se concentre em seus objetivos de composição do momento.

Por outro lado, os “britânicos”, “gangáridas” – hindus, ou habitantes das margens do rio Ganges –, o “Nilo”, a “Ásia”, o “Níates”, certo rio da Armênia, o “Parto”, os “apartados inimigos” e os “povos de ambos os mares” mantêm nexos com outro tipo de conquista: sintomaticamente, todos esses elementos se encontram inscritos na porta de ouro e marfim do templo fictício de Virgílio, em representação imagética e celebrativa, podemos imaginar, de todo o valor guerreiro de Otaviano Augusto.²⁷ Evidentemente, não é incomum, como observam os comentadores, a representação de objetos de arte na poesia latina (VIRGIL, 2003, p. 184);²⁸ também não, a dos inimigos – ou feitos – dos poderosos sobre os próprios monumentos públicos, como atestado em Sexto Propércio:

*Tum medium claro surgebat marmore templum,
et patria Phoebo carius Ortygia:*

*in quo Solis erat supra fastigia currus
et ualuae, Libyci nobile dentis opus;
altera deiectos Parnasi uertice Gallos,
altera maerebat funera Tantalidos.*²⁹

Pelas ocorrências que citamos, o estrangeiro em suas relações com a figura do poeta, tal como moldada na passagem em jogo, corresponde, em uma vertente *grega*, a algo a ser imitado com respeito – haja vista o fato de serem justo o Citero e os gritos de seus caçadores (helênicos) uma motivação para que se prossiga na feitura das *Geórgicas* –, mas também emulado, na relação literária entre Virgílio, Hesíodo e Homero, como vimos.³⁰ Por sua vez, os sucessivos elementos estrangeiros associáveis à arquitetura do templo do Míncio assumem conotação, na verdade, política e de aparente celebração do expansionismo romano, sem tanto espaço para uma acolhida menos “depredatória” diante do Outro.

Além (1) das menções geográficas/etnográficas “objetivas”, também podemos indicar, na mesma *praelocutio* de *Geórgicas* III, mais duas tipologias relacionadas ao emprego dos topônimos e adjetivos pátrios (substantivados ou não) não itálicos, as quais, na verdade, perpassarão toda essa grande subdivisão do poema didático de Virgílio. Seriam elas, assim, (2) a referência a “produtos” ou itens materiais de comprovada proveniência do estrangeiro e (3) o emprego de nomes e lugares explicitamente evocativos de façanhas míticas. As “palmas idumeias” (*Idumaeas... palmas* – v. 12),³¹ o “ostro tírio” (*Tyrio... in ostro* – v. 17), os “mármore de Paros” (*Parii lapides* – v. 34), os “cães taigetos” (*Taugetique canes* – v. 44)³² e “Epidauro domadora de cavalos” (*domitrixque Epidaurus equorum* – v. 44) exemplificam a segunda tipologia a que nos referimos, em mostra do conhecimento dos romanos contemporâneos a Virgílio de toda uma série de itens de consumo não disponíveis localmente na Itália, mas, por vezes, bastante famosos e cobiçados.³³

Ainda, as lembranças do “memorável pastor do Anfriso” (*memorande... pastor ab Amphryso* – v. 1-2), de “Delos de Latona” (*Latonia Delos* – v. 6), dos “bosques de Molorco” (*lucosque Molorchi* – v. 19), de “Troia” (*Troiae* – v. 36) e dos “bosques e clareiras intocadas das Driades” (*Dryadum siluas saltusque... intactos* – v. 40-41) correspondem a pontos evidenciadores da presença da terceira

categoria de evocação do estrangeiro que mencionamos como algo possível para o livro III das *Geórgicas*. Dadas as peculiares relações da cultura romana com os mitos e o imaginário dos gregos,³⁴ nota-se que *quase* todas as referências ao estrangeiro por esse último viés ocorrem, na *praelocutio* (e segundo um padrão a ser mantido ao longo de todo o livro III dessa obra), inseridas em ambientação helênica.

Entre as expressões em nexos com o estrangeiro citadas há pouco, na categoria dos “produtos”, as “palmas idumeias” e o “ostro Tírio” dizem respeito a signos externos da glória poética de Virgílio, pois, no primeiro caso, ele relata que as trará a Mântua, depois de conduzir para lá as Musas conquistadas dos “cumes Aônios” (v. 11); no segundo, quando ele se encontrar em condução comemorativa de um carro puxado por cavalos e ao “fundar-se” o templo imaginário prometido a Otaviano, o porte da preciosa veste de púrpura (v. 17-18) já figurará seu sucesso na feitura de um “edifício”/texto, talvez, épico, como vimos. Nas duas ocorrências, nota-se, tais “produtos” de proveniência não itálica revestem-se de sentidos de nobilitação e respeitabilidade: então, tornam-se de todo desejáveis como itens “materiais”, muito embora “palmas”, no contexto, antes se refira metaforicamente à *vitória* do poeta.

A sequência do texto, com a menção (1) dos “mármore de Paros” de v. 34, bem como (2) dos “cães taigetos” e de “Epidauro domadora de cavalos” (v. 44), oferece-nos, sob a mesma categoria, (1) um lampejo da rica estatuária que ornará o templo de Otaviano, onde se esculpirão até os ancestrais longínquos de Roma, como o “pai Tros” (*Trosque parens* – v. 36),³⁵ e (2) propicia divisarmos mais dois tipos de “apelos” ao poeta, a fim de que postergue seus intentos épicos e concentre-se, presentemente, na obra de temática agrária identificada com as *Geórgicas*. Ora, outro elemento alusivo ao estrangeiro, porém de categoria toponímica “objetiva”, já fora empregado para essa última finalidade em v. 43, referindo-se ele ao monte rústico/venatório do Citero, como vimos.

Quanto ao “memorável pastor do Anfriso”, contraposto a “Delos de Latona” (v. 2 e 6), pode-se dizer que correspondem a um Apolo posto em ambiente rústico, porque evocado em seu serviço de boieiro do rei Admeto de Feras,³⁶ e a um tema toponímico já bem explorado da poesia clássica.³⁷ Assim, como argumentamos em uma ocasião distinta, tal Apolo e os currais do rio Anfriso são aceitos no

plano das intenções poéticas vigentes de Virgílio, que inicia justo uma parte *pecuária* de seu “poema da terra”, enquanto a ilha de nascimento do mesmo deus, por célebre que seja, não traz associações particularmente produtivas ao âmbito compositivo em jogo e, portanto, encaixa-se em uma espécie de *recusatio* dos temas literários gastos ou, por qualquer outro motivo, impróprios para quem prossegue na escrita das *Geórgicas* (TREVIZAM, 2011, p. 72 *et seq.*).

Sobre as demais expressões que citamos a partir da *praelocutio* do livro III desse poema, também em enquadramento na tipologia de associações míticas dos topônimos [ou adjetivos pátrios (substantivados ou não)] – “bosques de Molorco”, “Troia” e “bosques e clareiras intocadas das Dríades” –, esclarecemos que o primeiro espaço alude discretamente à lenda dos “Doze trabalhos de Hércules” (v. 19), pois Molorco foi um pastor que se ocupou do herói “na vez em que ele matou o leão de Nemeia” (VIRGIL, 2001, p. 180). Além disso, como se realizavam em Nemeia jogos atléticos similares aos de Olímpia/rio *Alfeu* (v. 19 - cf. GIORDANI, s.d., p. 259), esses dois lugares estrangeiros correspondem a honrosos polos de importação de contendores para as competições imaginárias que Virgílio planeja situar na Itália, em passagem de teor altamente metaliterário, como apontamos com brevidade ao lembrar o caráter homérico desses assuntos em contexto épico.³⁸ Por sua vez, “Troia”, nas circunstâncias desses inícios do livro pecuário do poema virgiliano, identifica-se com as próprias raízes lendárias de Roma (e de sua família imperial):³⁹ de acordo com a fábula depois relatada pelo mesmo poeta na *Eneida*, a Cidade e seu povo resultaram da fusão de elementos itálicos e oriundos de Ílio (DUMÉZIL, 1986, p. 337 *et seq.*); ainda, seu “fundador Cíntio” (*Troiae Cynthius auctor* – v. 36),⁴⁰ cuja estátua também decorará o templo do Míncio, é o próprio deus Apolo, evocado desde o começo dessa *praelocutio*.

Enfim, os lugares associados às Dríades nesse mesmo entorno compositivo do poema (“bosques e clareiras”) trazem à tona o vínculo desses seres da mitologia com os precisos espaços citados por Virgílio, ocorrendo que tais personagens, diversamente de suas “irmãs” Oréades e Náíades (ou outras), de fato “ocupassem”, segundo a cultura helênica, uma ambiência mais florestal que montanhosa ou marinha (GRIMAL, 1963, p. 320). Desse modo, os sutos – em princípio, *gregos*, pela proveniência dos entes mitológicos evocados em v. 40 –

correspondem a mais um fator estrangeiro de “direcionamento” do poeta, para que se atenha por enquanto aos assuntos pecuários.

Várias outras ocorrências da tipologia “objetivamente” étnico-geográfica sobre o estrangeiro ponteiavam o mesmo livro III: fala-se nele, assim, ao menos em “Epiro” (*Epirum* – v. 121); em “forte Micenas” (*fortisque Mycenae* – v. 121); em “Rio Alfeu em Pisa” (*Alpheae... flumina Pisae* – v. 180);⁴¹ em “países hiperbóreos” (*Hyperboreis... ab oris* – v. 196);⁴² em “tempestades da Cítia” (*Scythiaeque hiemes* – v. 197);⁴³ em “planícies da Élida” (*Elei... campi* – v. 202); em “Olimpo distante” (*longus Olympus* – v. 223); em “campos desertos da Líbia” (*Libyae solis... in agris* – v. 249); em “Gárgaros” (*trans Gargara* – v. 269);⁴⁴ em “Ascânio retumbante” (*transque sonantem/ Ascanium* – v. 269-270);⁴⁵ em “cimos solitários do Parnaso” (*Parnasi deserta per ardua* – v. 291); em “Castália” (*Castaliam* – v. 293);⁴⁶ em “topo do Liceu” (*summa Lycae* – v. 314); em “pastores da Líbia” (*pastores Libyae* – v. 339); em “povos da Cítia” (*Scythiae gentes* – v. 349); em “onda meótida” (*Maeotiaeque unda* – v. 349);⁴⁷ em “Histro” (*Hister* – v. 350);⁴⁸ em “Ródope” (*Rhodope* – v. 351);⁴⁹ em “Euro rifeu” (*Riphaeo... Euro* – v. 382);⁵⁰ em “íberos turbulentos” (*impacatos... Hiberos* – v. 408); em “bisaltos” (*Bisaltae* – v. 461);⁵¹ em “duro gelono” (*acerque Gelonus* – v. 461);⁵² de novo, em “Ródope” (*in Rhodopen* – v. 462); em “desertos dos getas” (*in deserta Getarum* – v. 462);⁵³ em “Alpes elevados” (*aeris Alp* – v. 474); em “habitações nóricas” (*Norica.../ castella* – v. 474-475); em “campos do Timavo da Iapídia” (*Iapydis arua Timani* – v. 475).⁵⁴

Se tivéssemos, porém, de escolher para comentário um pouco mais detido apenas um entorno compositivo dentre os que dizem respeito ao surgimento de semelhantes expressões étnico-geográficas “objetivas”, externamente à *praelocutio*, gostaríamos de apresentar o que ocorre no trecho correspondente a v. 339-383. Trata-se, aqui, de uma expressiva apresentação de duas zonas do mundo – os desertos líbios (v. 339-348) *versus* as neves da Cítia (v. 340-383) –, com o efeito de criar-se forte contraste, sob certos aspectos. De início, deve-se lembrar que não só a ideia da existência de zonas desmesuradamente frias ou quentes nas respectivas extremidades norte e sul do mundo, mas ainda sua contraposição textual encontram antecedentes em várias obras antigas a tangenciarem conteúdos geográficos.⁵⁵

Por outro lado, a projeção de traços culturais da origem do

escritor sobre os povos estrangeiros que descreve já surgia, por exemplo, em César,⁵⁶ como se os eruditos antigos, do mesmo modo que dispunham o mundo greco-romano no centro espacial da Terra,⁵⁷ nunca lograssem abdicar por inteiro do próprio etnocentrismo ao descrever o Outro. Ora, pronunciando-se sobre os nômades líbios, Virgílio também explica que tudo carregam consigo em viagem pela zona tórrida, mesmo “o teto, o *Lar*,/ as armas, o cão amicleu⁵⁸ e a aljava cretense”.⁵⁹ “*Lar*” corresponde, nesse contexto, ao tipo dos deuses considerados, em Roma, protetores da *familia* e de seu local de habitação (SCHEID, 2010, p. 137); eles ainda eram, com os *Penates*, um dos pilares divinos do culto doméstico, chefiado em cada morada pelo *paterfamilias*.

No tocante à descrição dos cílios, na imediata sequência dessa, notamos que o poeta manifesta adesão a um ponto associável às concepções dos antigos sobre os habitantes das zonas *frias e úmidas*. Desde a tradição grega dos tratados etnográficos, então, enfatizou-se na caracterização física dos povos dessas regiões, devido à própria influência climática, a “umidade” e a relativa indolência.⁶⁰ Assim, quando Virgílio contrasta a secura quente da Líbia e seu polo contrário, a Cítia, destaca-se, de certa forma, uma vigorosa atividade, aproximada até da marcha do exército romano em campanha;⁶¹ de outra, um modo de vida que prescinde de muitos esforços – mesmo os animais de caça se oferecem paralisados pelo gelo aos avanços dos citas! – e consegue agregar a si até momentos de plena descontração.⁶² Nesse sentido, longe de meramente vir a constituir-se em um lugar distante e inóspito, a “selvagem” Cítia, como mostrada por Virgílio em *Geórgicas* III, assume colorações de um mundo alheio aos incessantes *labores* que cabem ao *agricola* romano,⁶³ sempre às voltas com tarefas,⁶⁴ riscos e inimigos da boa completude de sua lida.

Nesse entorno compositivo, expressões como “pastores da Líbia”, “povos da Cítia”, “onda meótida”, “Histro”, “Ródope” e “Euro rifeu” ajudam, evidentemente, a circunscrever o âmbito geográfico das duas etnografias em jogo. No conjunto, por sua vez, o resto das expressões em nexos com a designação do estrangeiro que demos acima, sob a categoria “objetiva” e externamente à *praelocutio*, reveste-se de funções nuançadas, mas sempre similares a essa de localizar onde ocorre algum evento mais palpável ou imaginário.⁶⁵ Em III, 249, por exemplo, o poeta comenta o perigo de vir-se

eventualmente a vagar nos campos da Líbia na época do cio das feras, e de sua maior crueldade; em III, 408, aborda de modo bastante concreto a existência de traiçoeiros salteadores na Ibéria;⁶⁶ na segunda *praelocutio* desse livro do poema, quando fala em “Parnaso” e “Castália” (v. 291 e v. 293), ele, na verdade, alude de forma imaginária e metafórica a aspectos de sua própria carreira poética, pois sabemos que tais lugares do mundo grego eram reputados sítios inspiradores do canto, por sua conexão possível com Apolo e as Musas.⁶⁷ Assim, percorrer “os cimos solitários do Parnaso” e “dar a Castália por uma encosta suave” significam, nesse ponto, lançar-se à ousada empresa de compor poesia didática – não bucólica – também sobre humildes ovelhas e caprinos e alcançar, sem tanto sofrimento, a límpida *fluência* compositiva (como a da fonte em jogo) indispensável para essa tarefa. De fato, a partir de v. 295, Virgílio redireciona definitivamente o âmbito temático do livro III, deixando para trás a abordagem menos modesta das criações de cavalos e bois.⁶⁸

A continuidade sequencial de nosso olhar sobre a categoria de referência ao estrangeiro através dos “produtos”, ou itens materiais, de origem externa leva-nos a divisar, assim, menções a “carros belgas” (*Belgica... esseda* – v. 204); “velos de Mileto” (*Milesia... uellera* – v. 306-307); “rubores tírios” (*Tyrios... rubores* – v. 307); “bode ciníffio” (*Cinyphii... hirci* – v. 312); “cão amicleu” (*Amyclaeumque canem* – v. 345); “aljava cretense” (*Cressamque pharetram* – v. 345); “cachorros velozes de Esparta” (*uelocis Spartae catulos* – v. 405); “pez do Ida” (*Idaeasque pices* – v. 450). Tais “carros”, na verdade destinados a usos bélicos e conhecidos pelos romanos dos contatos com os britânicos e gauleses (VIRGIL, 2003, p. 213-214), também são citados por César;⁶⁹ no contexto, a recorrência a esse tipo de artefato se justifica porque Virgílio antes falara de um “interesse preferencial [do pecuarista] pela guerra” (*sin ad bella magis studium* – v. 179).

Os “velos de Mileto” nos apresentam, acrescentamos, um item de consumo de renome na Antiguidade, cuja citação ocorre mesmo na obra de Teócrito de Siracusa (VIRGIL, 2003, p. 228 – xv, 126). Com eles, os “rubores tírios” de v. 307 também se enquadram nesse contexto em menção aos têxteis de luxo, cuja proveniência era externa à Itália. O que justifica a referência comum a ambos em semelhante passagem diz respeito, como ressalta o poeta em v. 305-310, à necessidade de não deverem os criadores descuidar de outros aspectos

atinentes a seus rebanhos, como a mais modesta criação de caprinos, “apesar” (*quamvis* – v. 306) dos preços estimulantes de certos tecidos obtidos, no estrangeiro, a partir da lã de ovelhas. Por seu turno, a pelagem do “bode cinífico”, ou líbio (VIRGIL, 2003, p. 229), era apenas reservada a empregos humildes, vestes de marinheiros e panos de uso nos acampamentos militares (v. 313).

“Cão amicleu” e “aljava cretense”, ainda, são itens externos de emprego, não propriamente, em ambientação itálica, mas sim no conjunto dos pertences carregados pelos pastores da Líbia em suas andanças. Como já oferecemos coordenadas sobre o renome dos cães da região da Lacônia,⁷⁰ acrescenta-se apenas que se citam setas e arqueiros cretenses – não, propriamente, aljavas – em *Églogas* x, 59-60⁷¹ e *Eneida* IV, 70 e v, 306 (VIRGIL, 2001, p. 195).⁷² O “pez do Ida”, enfim, refere-se a um item muitas vezes presente nos antigos tratados de “agronomia”,⁷³ vindo a identificar-se com uma espécie de resina que ressudava dos pinheiros no monte mencionado, o qual se situava na Tróade. Era, ainda, um item de emprego médico, pelo que se justifica a menção a isso no entorno considerado das *Geórgicas*, quando se fala do uso de substâncias de auxílio no combate ao mal da “sarna” (*scabies* – v. 441) das ovelhas.

Como balanço parcial das referências ao estrangeiro sob esse quesito dos itens materiais, talvez seja pertinente dizer que os avisos do *magister* agrário virgiliano contra a excessiva dedicação dos pecuaristas apenas à extração de itens têxteis dos rebanhos (ovinos), na esperança de obtenção de bons lucros, encaixam-se em certo teor de frugalidade e modéstia que perpassa o modelo humano do *agricola* nas *Geórgicas*. Philip Thibodeau, assim, observou em um estudo recente que muito se fala em produtividade e boas colheitas nesse poema, mas sem enfatizar a noção de uma economia orientada para fins monetários (THIBODEAU, 2011, p. 61-65). Isso se justifica porque inclusive vigora, nas *Geórgicas*, o ideal aristocrático romano da *paupertas* – desdém pelo luxo e pela excessiva acumulação de bens em dinheiro –, como se os leitores originais de Virgílio, homens de excelente posição na sociedade antiga, gostassem de se ver espelhados nos valores tipicamente associáveis a seus ancestrais camponeses, em tudo pautados pelo autocontrole (THIBODEAU, 2011, p. 65). Ademais, acrescentamos, gananciosos são, nas *Geórgicas*, os cidadãos do reverso das *Laudes ruris* – v. 490-540 – do livro II, capazes até de mortandades

e injustiças para enriquecer e desfrutar dos bens mais luxuosos e supérfluos.⁷⁴

Quando, finalmente, falamos das expressões em vínculos com o estrangeiro sob o derradeiro aspecto que elencamos, ou seja, o mítico, encontram-se externamente à *praelocutio* os seguintes casos: “Pólux amicleu” (*Amyclaei... Pollucis* – v. 89); “Alto Pélion” (*altum/ Pelion* – v. 93-94); “lápitas de Peletrônio” (*Pelethronii Lapithae* – v. 115); “deus Pã da Arcádia” (*Pan deus Arcadiae* – v. 392). Situadas em evidente proximidade textual, as duas primeiras menções referem-se, sempre, a certa passagem em nexos com as criações de equinos: assim, a personagem de Pólux, filho de Zeus e Leda na mitologia grega, recebera de presente com seu irmão Cástor o cavalo chamado Cílaro, como lembra o poeta em v. 90. O “alto Pélion” – designativo de um monte da Tessália –, por sua vez, refere-se ao mito da fuga ligeira de Cronos/Saturno para esse lugar, depois de metamorfoseado em cavalo e a fim de escapar-se de Reia, sua esposa legítima; ocorre, na verdade, que ela o flagrara em adultério com a Oceânide Filira.⁷⁵ Ambos os mitos “equinos”, por outro lado, ilustram aqui, por meio de exemplos fabulosos, a força e a nobre impetuosidade dos melhores espécimes da raça.

Os “lápitas de Peletrônio”, na sequência desse livro pecuário das *Geórgicas*, são um lendário povo tessaliano, muitas vezes representado em associação com os centauros do lugar e tido, por Virgílio, como inventor da montaria sobre os equinos (v. 115-117). O “deus Pã”, por último, corresponde ao lendário híbrido de homem e bode, cuja zona de culto principal e “habitação” era, segundo os mitos gregos, justo a região que Virgílio menciona em v. 392. No trecho das *Geórgicas* citado, alude-se a uma metamorfose do deus em carneiro, a fim de seduzir com sua enganadora beleza a Lua; ainda, o contexto é de óbvia menção às propriedades deleitosas de uma boa lã – como a cor clara –, tendo sido assim que o deus estrangeiro veio a cativar o astro em questão.

CONCLUSÃO

O exame ou, ao menos, a citação das passagens do livro III das *Geórgicas* em nexos com assuntos relativos ao estrangeiro, as quais se “materializam”, para o analista, através de signos linguísticos

vinculados, como dissemos, aos topônimos, mas também aos adjetivos pátrios (quer ou não substantivados), comprova o que explicamos no início deste artigo, sobre Virgílio ter sido capaz de agregar à tessitura dessa sua obra semelhante aspecto temático, de grande importância cultural no momento em que ela foi composta.

Assim, em tentativa de instrumentalizar nosso olhar para essa questão na parte do poema de que, aqui, ocupamo-nos especificamente, elencamos do *corpus* um conjunto geral de termos e expressões alusivos a personagens, lugares, itens de proveniência externa à Itália e, em seguida, procedemos à sua divisão segundo os três critérios que nos pareceram viáveis para classificá-los. Dessa maneira, ao lado de uma mais óbvia tipologia, atinente aos efetivos lugares – como os “Gárgaros” de v. 269 – ou povos – como os *gangáridas* de v. 27 – comumente descritos pela geografia e etnografia dos antigos, destacam-se, bem o vimos, duas outras categorias classificatórias, sendo elas, a título de uma sumária recapitulação, a dos produtos “de importação” (cf. “ostro tírio” de v. 17) e a das menções vinculadas a eventos míticos, segundo a letra do poema virgiliano (cf. “alto Pélion” de v. 90). Tais categorias classificatórias, poder-se-ia dizer, apontam nas *Geórgicas* para a consciência do poeta de haver, em seu tempo, mais de um modo de contatar o estrangeiro, podendo-se dar esse processo pelo viés da erudição (ou, um pouco menos, do conhecimento *in loco* das realidades descritas),⁷⁶ no caso da primeira categoria descritiva que explicamos, do “consumo”, no caso da segunda, ou da imaginação mítica, quando os lugares ou personagens “fantasiosos” – como o “deus Pã da Arcádia”, de v. 392 – surgem associados a sítios que, também, não são itálicos.

Nem sempre, ainda, as referências aos lugares e povos estrangeiros significam, no contexto do livro III, uma postura de dominação militarista, tal como ela se nota, de modo mais marcado, na descrição dos entalhes da porta do templo que se há de votar a Otaviano em Mântua, inclusive com alusões aos então recentes eventos da queda do Egito sob o poder romano (v. 28-29). Em vez disso, ainda encontramos nos versos desse mesmo livro gestos condizentes com um reconhecimento mais “pacífico” de qualidades em “objetos” externos, como a própria excelência “pastoril” do Citero, inspiradora até do canto “didático” da presente obra (v. 43), e os “cães taigetos”, no mesmo trecho e com a mesma significação (v. 44).

Por tudo isso, não hesitamos em dizer que se divisa, nessa parte do “poema da terra” de Virgílio, expressivo panorama da questão dos modos de contato com o mundo externo em Roma antiga, conforme em vigência em fins do séc. I a.C. Então, embora focalizado em uma ambientação, sobretudo, itálica,⁷⁷ o poeta não pode deixar de perceber que, desde há muito, a vida na Península natal deixara de identificar-se, devido à própria força atrativa de Roma como centro de poder, riqueza, cultura e influências,⁷⁸ com um restritivo fechamento sobre si.

ABSTRACT

Images of external elements in Virgil *Georgics* book III: a “guided journey” through place names and homeland adjectives

In this article we exemplify and explain the relevance that certain cultural external elements have to Roman culture and how this issue is treated in Virgil’s *Georgics* book III. In this part of the poem, references to external elements, either generally pervaded by the grammatical use of place names and homeland adjectives or sometimes used as a common referential noun, now and then occur “objectively” in the form of allusions to geographical or ethnographic ambiances, revealing the existence of material items or products which origins are external to Italy, as the Phoenician murex, for instance, or even linking certain mythical characters mainly to the ambiance of Greek world. Furthermore, these references assume very different meanings, which are related, for example, to Rome’s effective military conquests, the achievements of the poet and even the recognition of value in non-italic elements.

KEYWORDS

Georgics; external elements; otherness.

NOTAS

* Meus agradecimentos a Roque João Tumolo Neto pela solícita revisão do resumo em inglês.

¹ Tangenciamos, aqui, a problemática complexa relativa ao conceito da “barbárie” na Roma antiga. Preferimos, no entanto, não o empregar, recorrendo às ideias similares de “estrangeiro”, porque os elementos não itálicos que se incorporam à trama das *Geórgicas* correspondem, amiúde, a pontos da cultura e ambiência grega. Ora, seria impensável equiparar, na compreensão dos romanos antigos, a “barbárie”, tantas vezes compreendida como sinônimo de falta de civilização (MEIRELLES, 2012, p. 8), às muitas e refinadas contribuições culturais, ou de outros tipos, que lhes vieram dos helenos desde épocas muito recuadas de sua história. Para a documentação da reverência dos romanos diante dos gregos, que um dia vieram a dominar politicamente, cf. HORÁCIO, *Epistulae*: II, 1, 156-157. *Graecia capta ferum victorem cepit/ et artis intulit agresti in Latio*. – “A Grécia capturada capturou o duro vencedor/ e as artes trouxe ao Lácio agreste” (trad. nossa).

² Os sabinos e úmbrios eram, como os latinos, povos indo-europeus da matriz itálica; os etruscos, falantes de uma língua, talvez, autóctone, não eram dessa origem, tendo ancestralidade, para muitos, asiática (BASSETTO, 2005, p. 100-101).

³ Este episódio da história romana também se encontra documentado na obra do historiador Tito Lívio (*Ab Urbe condita* V, 34-49).

⁴ Cf. PIMENTEL, 1997, p. 17: “Foi depois em ajuda do pretor Públio Mânlio, que, na Turdetânia, enfrentava novas investidas dos revoltosos, apoiados por 10 mil mercenários celtiberos. Ora, ali chegado, Catão apercebeu-se de que os celtiberos e turdetanos tinham acampamentos separados”.

⁵ Cf. ROBERT, 1985, p. 18: “*Le livre de Caton apparut vite comme insuffisant et l'Italie s'ouvrit aux influences extérieures: parmi les livres que refermaient les bibliothèques de Carthage, il y avait un traité d'agriculture en vingt-huit volumes dont le sénat demanda la traduction. L'auteur en était le Carthaginois Magon*”.

⁶ Sobre, especificamente, o comércio do incenso, produto cujas fontes de obtenção “obscuras”, no oriente, tornavam-se algo quase mítico, cf. MORPHY, 2009, p. 104 (o autor se pronuncia a partir de conteúdos da *Historia naturalis* de Plínio, o Velho): “*For the Minaeans, frankincense is simply holy; though Greeks and Romans may use frankincense to worship the gods, the story of Alexander the Great and his tutor (12.62: see above) shows that even at their sacrifices it is a commodity, an article for the display of pride, a perfume redolent of the wealth and arrogance of its owner*”.

⁷ VIRGIL, 2003, p. 124: “*Indum: (A. 6.794) no doubt is here a general term for Asiatics (including for this purpose Ethiopians; see 120 n.), who in Roman eyes are traditionally 'unwarlike', especially so by contrast with the Italians of whom we have just heard*”.

⁸ VIRGIL, 2003, p. 324: “*Euphraten: representative of the Near East, as in 1.509, A. 8.726*”.

⁹ Com observa R. F. Thomas, comentador de Cambridge às *Geórgicas* (VIRGIL, 1997, p. 196), a *bugonia*, embora descrita mesmo nos autores técnicos – como no *De re rustica* II, 5, 5 e III, 16, 4 de Varrão –, não lhes mereceu a confiança. Assim, registra: “*Virgil himself knew it was an impossibility, and he says as much by presenting it as an eastern thaúma ('marvel'); 287-94, 309nn. And who in the Mediterranean world would kill an ox in order to gain a hive?*” Não obstante, tal passagem do livro IV das *Geórgicas* serve de transição

para a narrativa etiológica da história de Aristeu (e Orfeu), a partir de v. 315.

¹⁰ Para explicações a respeito desse “engano” zoológico dos antigos, cf. comentário de R. F. Thomas – VIRGIL, 1997, p. 151 –, que o menciona mesmo no *De re rustica* varroniano (III, 16, 8).

¹¹ O Hidaspes era um rio da Índia, considerado como parte do Império Persa por Virgílio.

¹² Cf. também comentário de R.F. Thomas (VIRGIL, 1997, p. 185): “Foremost of the eastern *exempla* is Egypt, and the words *regem non sic Aegyptus... observant* may refer to the *Aegyptia coniunx* (A. 8.688) of Antony, defeated by Octavian two years before the publication of the poem”.

¹³ Cf. SUETÔNIO, *Vida de Augusto*: XVII. *M. Antonii societatem semper dubiam et incertam reconciliationibusque uariis male fociatam abruptit tandem, et quo magis degenerasse eum a civili more approbaret, testamentum, quod is Romae, etiam de Cleopatra liberis inter heredes nuncupatis, reliquerat, aperiendum recitandumque pro contione curauit.* – “Finalmente rompeu a aliança sempre dúbia e incerta com M. Antonio, mal restabelecida por várias reconciliações, e, para que pudesse melhor provar que ele tinha degenerado dos padrões de comportamento civil, fez abrir e ler em público o testamento que ele deixara em Roma e que também nomeava os filhos de Cleópatra como seus herdeiros” (trad. M. Trevizam e P. S. Vasconcellos).

¹⁴ Tem-se, por vezes, enfatizado criticamente a questão de que Virgílio focaliza, em termos do espaço geográfico tratado nos versos das *Geórgicas*, uma ambientação preferencialmente itálica. Cf., por exemplo, colocações de L.P. Wilkinson (1997, p. 153) e M.C.J. Putnam (2008, p. 138-160). Afinal, os tipos de cultivo de maior destaque no poema – cereais, vinhas, frutas e olivas, sobretudo – de fato correspondiam ao panorama da península, bem como a figura do *agricola* romano e, algumas “fantasias” poéticas à parte, certos elementos de paisagem presentes em um trecho célebre, o das *Laudes Italiae* (II, 136-176), com seus lagos, mares, campos e cidades antigas.

¹⁵ O Liceu era uma montanha da Arcádia, considerada lar dos pastores de Pã; cf. *Églogas* X, 15 de Virgílio. No contexto, representa com Pales, velha divindade pastoril itálica, o âmbito temático e poético a que Virgílio deseja circunscrever-se ao compor o livro III das *Geórgicas*.

¹⁶ O rio Alfeu percorria a região da Élida, a oeste do Peloponeso (VIRGIL, 2003, p. 182). Associava-se, ainda, ao espaço geográfico dos jogos Olímpicos em honra de Zeus.

¹⁷ O Citero (ou Citerão) era uma montanha da região grega da Beócia, na Grécia continental (VIRGIL, 2001, p. 181).

¹⁸ Não sabemos exatamente quais são os “apartados inimigos” de que se conquistam os “dois troféus” (*duo... tropaea*) mencionados em *Geórgicas* III, 32; tampouco, quem são os “povos de ambos os mares” de v. 33, sobre os quais, por sinal, fala-se neste mesmo verso de duas vitórias. Contudo, várias conjecturas a respeito já foram feitas pelos filólogos (VIRGIL, 2003, p. 185) e não julgamos impossível que de algum modo se aluda genericamente, aqui, a dados histórico-geográficos que apenas não se possa precisar.

¹⁹ Cf. comentário de R.D. Williams (VIRGIL, 2001, p. 178): “11 Aonio... uertice: *the mountain of Aonia is Helicon in Boeotia, mountain of the Muses; cf. Ecl. 6.65. Some have thought that there is also an association with Hesiod, from Ascra in Boeotia; cf. Geo. 2.176*”.

²⁰ Sobre o evento da iniciação poética de Hesíodo pelas Musas, sobre o monte Hélicon, cf. *Teogonia*: 22-23. “Elas um dia a Hesíodo ensinaram belo canto/ quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino” (trad. Jaa Torrano).

²¹ Esse crítico, em outra ocasião (WILKINSON, 2008, p. 182-188), ressaltou que a imagética da feitura de um poema como se fosse um edifício corresponde, de fato, a algo com raízes em Píndaro – cf. *Ol.* VI, 1-5.

²² Embora o próprio Wilkinson advirta contra a imediata associação do templo da *praelocutio* de *Geórgicas* III com uma espécie de “sketch” exato da *Eneida* (WILKINSON, 1997, p. 172), é fato, julgamos, que eventos vinculados à celebração da casa Júlia – como a própria escolha de um seu “ancestral” mítico, Eneias, para ser o herói da trama – ocupam o cerne constitutivo desse poema épico. Além disso, sob um aspecto mais propriamente espacial, em fins do livro VI, durante a descida aos Infernos, mencionam-se com reverência várias personagens da família imperial romana, como Marcelo, sobrinho de Augusto morto precocemente em 23 a.C. (v. 882-886), ou Júlio César e Otaviano (v. 788 *et seq.*).

²³ O canto V da *Eneida*, como se lembram os leitores de Virgílio, é ocupado majoritariamente pelos eventos que se vinculam aos jogos fúnebres em honra de Anquises, cuja morte e sepultamento tinham ocorrido um ano antes, na Sicília (canto III).

²⁴ Entre v. 26-33 da *praelocutio*, Virgílio inicia a descrição da porta do templo imaginário que desejará “edificar” depois de “desobrigar-se” da feitura das *Geórgicas*. Nesse trecho, como adiante explicaremos com mais detalhes, estão implicadas descrições de batalhas, similares àquelas constantes, por exemplo, da *Eneida*, entre os aliados de Eneias (os etruscos, os troianos, os árcades de Evandro) e os de Turno (os latinos e rútulos).

²⁵ Em nota a v. 64 do canto V da *Eneida*, Riccardo Scarcia observa (VIRGÍLIO, 2002, p. 528): “*Il cerimoniale funebre si protraveva presso i Romani per nove giorni, allo scadere dei quali avevano luogo sacrifici e, in alcuni casi, giochi. Le celebrazioni conclusive prendevano il nome di nouemdiale (il nouemdiale sacrum era, però anche un rituale di nove giorni volto ad allontanare gli effetti di presagi particolarmente luttuosi). Nove giorni erano durate, nel racconto omerico (Iliade 24,784), le celebrazioni funebri per Ettore, prima che il suo corpo fosse affidato al rogo*”.

²⁶ Cf. VIRGÍLIO, *Geórgicas*: IV, 563-566. Illo Vergilium me tempore dulcis alebat/ Parthenope studiis florentem ignobilis oti,/ carmina qui lusi pastorum audaxque iuuenta,/ Tityre, te patulae cecini sub tegmine fagi. – “Naquele tempo, nutria a mim, Virgílio, a doce/ Partênope, florescendo eu nos estudos de um inglório sossego,/ eu que brinquei com cantos pastoris e, audacioso pela juventude,/ Títiro, celebrei-te sob o dossel da vasta faia” (trad. nossa).

²⁷ Cf. WILKINSON, 1997, p. 169: “*We return now to the marble temple itself of line 16, and come to the carvings on the doors, which will represent the victories of the god to whom it is dedicated (26-36). Octavian is now the triumphator, who on August 13, 14 and 15 of 29 B.C. celebrated a triple triumph, for his victories in Illyricum and others won by subordinates, for Actium, and for Egypt. (...) We pass in review reliefs in gold and ivory of the victories of Quirinus (? Octavian himself: see p. 163) over the ‘orientals’ (Gangarides) at Actium and the Nile, showing the columns of naval bronze, and of his successes in dealing with the Armenians and Parthians. In addition, there are trophies ‘snatched utroque ab litore’*”.

²⁸ Para análises relativas ao escudo de Eneias, tal como representado em *Eneida* VIII, 626-703, cf. KURMAN, 1974, p. 1-13.

²⁹ Cf. PROPÉRCIO II, 31, 9-14: “Em seguida, ao centro, surgia, em mármore resplandecente, o templo/ para Febo mais caro até que a pátria Ortígia:/ em cujo frontão estava o carro do Sol/ e os batentes das portas, obra sublime de marfim líbio;/ num, **os Gauleses atirados do cimo/ do Parnaso**, o outro chorava os mortos da filha de Tântalo” (trad. M. C. Pimentel, grifo nosso). O templo de Apolo Palatino, lembramos, fora consagrado em 09 de outubro de 28 a.C., por iniciativa de Otaviano.

³⁰ Cf. FLEISCHER, 1960, p. 282: “*Den Tempel in unserem Proömium nur als poetischen Ausdruck für die persönliche Verehrung zu erklären, würde einen Verzicht auf die Deutung seines Symbolinhalts bedeuten. Olympische und Nemeische Spiele auf italienischen Boden und die Verpflanzung der Musen nach Italien sind Ausdruck der Synkrisis der Griechen mit den Römern, die Kampfspiele vielleicht Ausdruck des Strebens, den Griechen nicht nur nachzueifern, sondern sie zu übertreffen*”.

³¹ “Idumeias” refere-se, geograficamente, a um lugar da Palestina onde cresciam palmeiras, cujas folhas constituíam um símbolo da vitória no mundo antigo (VIRGIL, 1997, p. 40-41).

³² “Taigetos” refere-se, no contexto, a “de Esparta”, já que essa cidade helênica era reputada por seus animais da espécie canina (VIRGIL, 1997, p. 49).

³³ Sobre a importância – inclusive comercial – de um item de luxo como o múrice, molusco das águas fenícias do qual se extraía a tintura de púrpura, cf. MURPHY, 2009, p. 96 (o autor se pronuncia a partir de conteúdos da *Historia naturalis* de Plínio, o Velho): “*On the one hand, luxuries like gold and purple are traditional markers of honour among the Romans, ancient and necessary signs of social distinctions, integral to the authority of the senate class, and the encyclopedia allows such luxuries a legitimate place in society. For instance, it is demonstrated with much elaboration that the wearing of the senator’s purple-bordered robe can be traced all the way back to the Etruscans and, in Rome’s regal period, to Tullus Hostilius (9.136). after all, purple dye ‘marks off the senate from the class of knights, is called on for help in appeasing the gods, brightens every kind of clothing, is combined with the gold worn in triumphs; for which reasons we must excuse even the mania of purple’ (9.127)*”.

³⁴ Sabemos que mesmo as divindades dos latinos, como Júpiter e outros, não eram originalmente dotadas de traços antropomorfizantes e definidores tão nítidos, ao contrário do que ocorria na Grécia, onde os poemas homéricos já nos apresentam com detalhes várias aventuras e características de deuses, heróis e outros seres míticos. Assim, os “diáfanos” deuses romanos teriam de aguardar a convivência sincrética com seus correlatos helênicos para começarem a ganhar contornos mais claros e, em certo sentido, uma “trajetória de vida” um pouco mais narrável (GRIMAL, 2009, p. 358). Por outro lado, a poesia da época augustana, a mesma das *Geórgicas*, sofreu decisivo influxo, além das obras dos autores gregos arcaicos e clássicos, também daqueles caracteristicamente helenísticos (GRIMAL, 1994, p. 238 *et seq.*). Ora, um dos traços mais significativos da poesia helenística grega foi a erudição e o gosto intrincado pelo emprego dos mitos, podendo-se citar a obra do elegíaco romano Sexto Propércio como uma produção de todo vinculada a esse tipo de parâmetro compositivo, inclusive por suas predileções, majoritariamente, calimaquianas (GRIMAL, 1994, p. 331). Assim, abundam em suas elegias mitos, sobretudo, gregos dos mais variados teores, sem que também possamos alhear as *Geórgicas* virgilianas, excessos à parte, de muitas concessões

semelhantes (TREVIZAM, 2011, p. 67-81).

³⁵ Cf. GRIMAL, 1963, p. 464: “*Héros éponyme de la race troyenne et du pays troyen. Il est fils d’Érichthonios, lui-même fils de Dardanos, et de la fille du dieu-fleuve Simois, Astyoche*”.

³⁶ Quando o centauro Quíron instruiu Asclépio, o filho de Apolo, na arte da medicina, esse se tornou tão habilidoso que começou a ressuscitar os mortos. Com isso, incorreu no desagrado de Zeus, que o fulminou: assim, Apolo zangou-se e começou a flechar os Ciclopes, fabricantes dos raios de seu pai. Esse o castigou, obrigando-o a servir por um ano como escravo de um mortal. Então, deu-se seu serviço terreno como boieiro de Admeto, rei da cidade tessálica de Feras (GRIMAL, 1963, p. 42).

³⁷ Cf. por exemplo CALÍMACO, *Hino a Delos*.

³⁸ Cf. *supra* nota 25.

³⁹ LA PENNA, 2002, p. 22-23: “*La gens Iulia e in particolare la famiglia da cui Cesare nacque si ritenevano provenienti da Bouillae, un piccolo centro abitato vicino ad Alba, la capitale dei Latini che era stata distrutta da Tullo Ostilio: dunque origini albane; infatti gli Iulii discendevano da Iulus, il figlio di Enea che aveva fondato Alba. (...) Discendenza da Iulo e da Enea significava discendenza da Venere, e su questo punto soprattutto insisté la famiglia per risollevare il proprio prestigio*”.

⁴⁰ Apolo era por vezes dito “Cíntio” – como nas *Églogas* virgilianas (VI, 3) – porque um monte homônimo se situava em Delos, sua pátria.

⁴¹ Pisa era uma cidade da região grega da Élide, situada próximo de Olímpia.

⁴² “Hiperbóreos” refere-se a lugares – ou povos – do extremo norte do mundo, como também vemos nas *Odes* de Horácio (II, 20, 16).

⁴³ A Cítia era uma região situada no extremo norte do mundo, mais de uma vez tematizada por escritores (ou etnógrafos) como Heródoto – IV, 1-144 – (HARTOG, 2014, p. 44 *et seq.*) e Plínio, o Velho: “*À l’extrémité septentrionale de la terre, nous apprend par exemple Pline, dans un endroit appelé la ‘serrure du monde’ (le Pôle Nord), à dix jours de route du fleuve Borysthène (aujourd’hui le Dniepr), vivent deux peuples aux coutumes bizarres: les Arimaspes et les Scythes*” (CANALI, 2005, p. 83).

⁴⁴ Esse acidente geográfico correspondia a um dos topos do Monte Ida, ao sul da Tróade, cujas colheitas eram afamadas. Também é citado em *Geórgicas* I, 103 e na *Ars amatoria* I, 57 de Ovídio.

⁴⁵ O Ascânio era um rio da Bitínia (ou Mísia), onde fora perdido, segundo o mito, Hilas, o jovem amante de Hércules. Tal episódio é evocado por Propércio em I, 20, 4.

⁴⁶ A Castália era uma nascente do monte Parnaso, que se consagrara a Apolo e às Musas e ficava nas imediações de Delfos (cf. *Odes* de Horácio, III, 4, 61).

⁴⁷ “Onda meótida” refere-se, aqui, ao moderno Mar de Azov; também se cita a região em *Eneida* VI, 799.

⁴⁸ “Histro” era o nome dado pelos gregos ao Danúbio inferior (*Ístros*).

⁴⁹ Esse acidente geográfico era uma cordilheira da Trácia, que se desenvolvia em arco para o norte e, depois, dobrava para o sul. Orfeu é associado a ele por Virgílio em *Églogas* VI, 30.

⁵⁰ “Euro” correspondia a um vento do leste, aqui modificado pelo qualificativo “rifeu”, que se referia, no entender geográfico dos antigos, a uma cadeia de montanhas do norte do mundo, ou Cítia; o mesmo qualificativo é citado nos *Aetia* calimaquianos (fr. 186.8 Pf.).

⁵¹ Os bisaltos eram povos dos confins da província romana da Macedônia, que habitavam o vale fértil do rio Estrimão. Também os citaram em latim, posteriormente, Tito Lívio (XLV, 29, 6) e Plínio, o Velho (IV, 38).

⁵² Os gelonos, também mencionados em *Geórgicas* II, 115, seriam, na verdade, citas (VIRGIL, 1997, p. 128).

⁵³ Em comentário à passagem correspondente das *Geórgicas*, Mynors observa que os getas, embora a rigor se identificassem com os trácios, podem representar, em geral, qualquer povo antigo habitando ao norte do Danúbio (VIRGIL, 2003, p. 248).

⁵⁴ O Timavo era um rio que se lançava no mar Adriático e servia, ao norte, de fronteira para os povos da Iapídia/costa da Dalmácia (VIRGIL, 2003, p. 250).

⁵⁵ Cf. HARTOG, 2014, p. 55: “O ponto simétrico da Cítia, no sul, é a Líbia e, mais precisamente, o Egito. Quando vem o inverno, as gruas, com efeito, deixando a fria Cítia, voam para estas regiões” (em comentário a aspectos tematizados nas *Histórias* II, 22 de Heródoto).

⁵⁶ Cf. CÉSAR, *De bello Gallico*: VI, 17. *Deum maxime Mercurium colunt. (...) Post hunc Apollinem et Martem et Iovem et Minervam.* – “Sobretudo, cultuam o deus Mercúrio. (...) Depois dele, Apolo, Marte, Júpiter e Minerva” – trad. nossa (note-se como o autor atribui aos gauleses as mesmas divindades do Panteão romano).

⁵⁷ Exemplarmente ilustrativa dessa postura é a passagem seguinte, do *De re rustica*, de Varrão: I, 2, 4. *Dicendum utique Italiam magis etiam fuisse opportunam ad colendum quam Asiam, primum quod est in Europa, secundo quod haec temperatior pars quam interior. Nam intus paene sempiternae hiemes, neque mirum, quod sunt regiones inter circulum septemtrionalem et inter cardinem caeli, ubi sol etiam sex mensibus continuis non uidetur.* – “De fato se deve dizer que a Itália também era mais favorável ao cultivo do que a Ásia; primeiro, porque se localiza na Europa, segundo porque essa região é mais temperada do que a parte interior. No interior, há um inverno quase permanente e não é de admirar, pois essa região se localiza entre o círculo Ártico e o pólo, onde o sol não é visto por seis meses contínuos” (trad. nossa)./ Cf. também VASALY, 1993, p. 133-134.

⁵⁸ Os cães de Esparta – citam-se também nos *Épodos* VI, 5, 5 de Horácio – eram especialmente reputados; por sua vez, Amiclas era uma cidade da mesma região grega da Lacônia.

⁵⁹ Cf. VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 344-345: (...) *tectumque laremque/ armaque Amyclaeumque canem Cressamque pharetram* (trad. nossa).

⁶⁰ Cf. BORCA, 2003, p. 109 (o autor se pronuncia a partir de conteúdos do tratado “Sobre os ares, águas e lugares”, da tradição hipocrática): “La condizione di Libia e Scizia potrebbe dunque essere espressa da una relazione di tipo ‘Libia: Scizia = caldo/secco: freddo/umido’. L’eziologia deterministica consente poi di estendere tale relazione a tutti gli esseri viventi – inclusi gli uomini – derivandone un importante corollario: i Libi sono più asciutti, più sani e più forti (più virili, potremmo anche dire), mentre gli Sciti sono più umidi, più deboli e più molli (dunque più femminili)”.

⁶¹ Cf. VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 346-348: *Non secus ac patriis acer Romanus in armis/ iniusto sub fasce uiam quom carpit et hosti/ ante exspectatum positus stat in agmine castris.* – “Tal é o romano forte nas armas pátrias/ quando se põe a caminho sob um fardo pesado e, assentando/ acampamento, posta-se com o exército antes de esperado pelo inimigo” (trad. nossa).

⁶² Cf. VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 376-378: *Ipsi in defossis specubus secura sub alta/ otia agunt terra congestaque robora totasque/ aduoluere focis ulmos ignique dedere.* – “Eles mesmos, em antros escavados sob a terra profunda,/ passam bons momentos em sossego, rolam carvalhos empilhados e olmos/ inteiros para os lares e entregam às chamas” (trad. nossa).

⁶³ Sobre a eventual idealização da vida dos povos que habitam nos extremos do mundo, por parte da etnografia antiga, cf. MURPHY, 2009, p. 83: “*To idealize faraway tribes is typical of ancient ethnography. For the Odyssey, the Ethiopians are both ‘the most distant of men’ and evidently the happiest, as they share their banquets with Posidon in person (1.22-6). The same degree of idealization is applied to the Ethiopians by Herodotus, who describes them as a nation of long-lived supermen (3.17-25)*”.

⁶⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Geórgicas* II, 397-402: *Est etiam ille labor curandis vitibus alter,/ cui numquam exhausti satis est: namque omne quotannis/ terque quaterque solum scindendum glaebaeque uersis/ aeternum frangenda bidentibus, omne leuandum/ fronde nemus. Redit agricolis labor actus in orbem/ atque in se sua per uestigia uoluitur annus.* – “Há ainda aquele outro labor do cuidado das vinhas,/ que nunca está suficientemente acabado: na verdade, a cada ano, todo/ o solo deve ser lavrado três e quatro vezes e o torrão desfeito/ eternamente, virando as enxadas; todo o arvoredo se deve/ aliviar das folhas. Torna em círculo para os agricultores o trabalho feito,/ e rola o ano sobre si, por suas pegadas” (trad. nossa).

⁶⁵ Em v. 474-475, Virgílio procede à localização aproximada da área atingida pela Peste Nórica, empregando expressões, já dissemos, como “Alpes elevados”, “habitações nóricas” e “campos do Timavo da Iapídia”. Ora, como não se tem notícia histórica de um evento desastroso como essa mortandade (de várias espécies, mesmo os seres humanos, com o avançar do mal) e referem-se, muitas vezes, as semelhanças literárias entre a descrição da Peste Nórica e a da Peste de Atenas, tal como tematizada por Lucrécio em fins do livro VI do *De rerum natura* (TREVIZAM, 2014, p. 167-188/ GALE, 2000, p. 224-227), não se pode a rigor dizer que os acontecimentos aqui evocados por Virgílio correspondam a algo concretamente palpável, apesar da efetiva existência, é óbvio de todos os três lugares indicados pelos topônimos em pauta.

⁶⁶ Cf. também VARRÃO, *De re rustica*: I, 16, 2. *Multos enim agros egregios colere non expedit propter latrocinia uicinorum, ut in Sardinia quosdam, qui sunt prope Oelium, et in Hispania prope Lusitaniam.* – “Pois não é vantagem cultivar muitos campos excelentes por causa dos assaltos dos vizinhos, como alguns na Sardenha, que se localizam perto de Oelies, e na Espanha, perto da Lusitânia” (trad. nossa).

⁶⁷ Cf. *supra* nota 46.

⁶⁸ Cf. VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 295-299: *Incipiens stabulis edico in mollibus herbam/ carpere ouis, dum mox frondosa reducit aestas,/ et multa duram stipula filicumque manipulis/ sternere subter humum, glacies ne frigida laedat/ molle pecus scabiemque ferat turpisque podagras.* – “Determino, de início, que as ovelhas comam a relva/ em redes acolhedores até que logo volte o verão frondoso,/ e forrar o chão duro com muita palha e braçadas/ de fetos, para que o gelo frio não prejudique/ o rebanho delicado e traga a sarna e a gota vergonhosa” (trad. nossa).

⁶⁹ Cf. CÉSAR, *De bello Gallico*: IV, 33. *Genus hoc est ex essedis pugnae. Primo per omnes partes perequitant et tela coiciunt atque ipso terrore equorum et strepitu rotarum ordines plerumque*

perturbant, et cum se inter equitum turmas insinuauerunt, ex essedis desiliunt et pedibus proeliantur. – “Há este tipo de luta com os carros: primeiro, por todos os lados andam a cavalo, lançam dardos e, pelo próprio terror aos cavalos e pelo estrondo das rodas, em geral perturbam as fileiras. E, tendo-se insinuado entre os grupos de cavaleiros, descem dos carros e lutam a pé” (trad. nossa).

⁷⁰ Cf. supra nota 58.

⁷¹ Cf. VIRGÍLIO, *Églogas*: x, 59-60. (...); *libet Partbo torquere Cydonia cornu/ spicula*; – “(...); agrada-me vergar setas de Cídon com o corno/ Parto” (trad. nossa). Cídon era uma cidade de Creta, aqui citada em relação metonímica com o nome dessa ilha.

⁷² Cf. VIRGÍLIO, *Eneida*: iv, 68-73. *Vritur infelix Dido totaque uagatur/ urbe furens, qualis coniecta cerua sagitta,/ quam procul incautam nemora inter Cresia fixit/ pastor agens telis liquitque uolatile ferrum/ nescius: illa fuga siluas saltusque peragrat/ Dictaeos, haeret lateri letalis harundo.* – “Arde a infeliz Dido e vaga por toda/ a cidade enfurecida como, com a seta atirada, uma cervo/ que, de longe, incauta traspasou um pastor entre os bosques/ cretenses, aticando com os dardos, e deixou-lhe um ferro volátil/ sem saber: ela percorre em fuga os bosques e clareiras/ de Dicta, prende-se ao flanco a flecha letal” (trad. nossa)./ v, 306-308. *Cnosia bina dabo lenato lucida ferro/ spicula caelatamque argento ferre bipennem;/ omnibus hic erit unus bonos.* (...) – “Darei a levar duas setas de Cnossos a cada, brilhantes/ com o ferro polido, e um machado cinzelado em prata;/ essa será a única honra de todos. (...)” (trad. nossa).

⁷³ Cf. COLUMELA, *De re rustica*: vi, 7, 4. *Sed uulnera facta igne dum sanescunt, defricare bubula urina conuenit; ac ferro rescissa melius pice et oleo curantur.* – “Mas, até cicatrizarem as feridas feitas a fogo, convém esfregar urina de boi; contudo, as feridas abertas a ferro mais eficazmente se curam com pez e azeite” (trad. nossa).

⁷⁴ Cf. VIRGÍLIO, *Geórgicas*: ii, 503-506: *Sollicitant alii remis freta caeca ruuntque/ in ferrum; penetrant anlas et limina regum./ Hic petit excidiis urbem miserosque Penatis,/ ut gemma bibat et Sarrano dormiat ostro; condit opes alius defossoque incubat auro.* – “Molestam uns os mares obscuros com remos e se lançam/ ao ferro; penetram em palácios e limiares de reis./ Este assalta uma cidade e tristes Penates com destruições,/ para beber em gemas e dormir sobre ostro de Sarra;/ outro oculta riquezas e choca o ouro enterrado” (trad. nossa).

⁷⁵ Dessa união adulterina nasceria o centauro Quíron, de que se lembra o mesmo poeta em *Geórgicas* iii, 550.

⁷⁶ Não foram todos os geógrafos/etnógrafos antigos (como Catão, o Velho, em suas experiências de juventude com os celtas da Ibéria – cf. MOMIGLIANO, 1993, p. 65) que conheceram a fundo, e por direta observação, todos os aspectos que descrevem em suas obras, no tocante a vários lugares e povos longínquos. Assim, é provável, eles por vezes se deixaram guiar por rumores, ou mesmo por tradições descritivas obtidas de “segunda-mão”, como descrito por Momigliano quando se refere a traços de partes afins do *De bello Gallico* de César (MOMIGLIANO, 1993, p. 71): “*Perhaps encouraged by Varro, Caesar went to conquer Gaul with Posidonius in his satchel. The ethnographical excursuses of the Bellum Gallicum, which few nowadays would consider interpolated, are similar in content and style to the Posidonian sections of Diodorus and Strabo. Notice that Caesar never mentions the Druids except in the long ethnographic digressions of Book 6.11-28. He did not encounter the Druids in his campaigns, but in his literary sources – whatever the explanation of*

their absence from the battlefield may be”.

⁷⁷ Cf. *supra* nota 14.

⁷⁸ Cf. Ovídio, *Ars amatoria* (em passagem em que recomenda, ao jovem galanteador que constitui o público típico dessa sua obra, frequentar até cultos religiosos representativos de várias crenças – e, na origem, *etnias* – a fim de encontrar uma bonita moça a seduzir): I, 75-78. *Nec te praetereat Veneri ploratus Adonis/ Cultaque Iudaeo septima sacra Syro,/ Nec fuge linigeræ Memphisitica templa Iuuencae;/ multas illa facit quod fuit ipsa Ioni.* – “Não te esqueça Adônis, que Vênus pranteou,/ ou o feriado do Sábado, celebrado pelo judeu da Síria;/ também não te esquives aos templos da novilha menfita vestida de linho;/ torna muitas mulheres no que ela própria foi para Júpiter” (trad. nossa).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDIÇÕES, TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS DE OBRAS ANTIGAS

AUGUSTO; SUETÔNIO. **A vida e os feitos do divino Augusto**. Tradução M. Trevizam; P.S. Vasconcellos; A.M. de Rezende. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CAYO JULIO CÉSAR. **Comentarios de la guerra de las Galias**. Trad. José Goya y Muniáin. Buenos Aires: Claridad, 2008.

CÉSAR. **La Guerre des Gaules**: livres 1 et 2. Texte établi et trad. par L.-A. Constans et trad. par Anne-Marie Ozanam, introduction et notes de Jean-Claude Goeury. Paris: Les Belles Lettres, 2006 [2000].

COLUMELLA. **On agriculture**: books 5-9. With an English trans. by E. S. Forster and E. H. Heffner. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1968 [1954].

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Tradução e estudo Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.

HORACE. **Satires, epistles and Ars poetica**. With an English trans. by H. Rushton Fairclough. London/Cambridge, Mass.: Heinemann/Harvard University Press, 1942 [1926].

OVÍDIO. **Arte de amar**. Tradução N. Correia e D. Mourão-Ferreira. São Paulo: Ars Poetica, 1993.

PROPÉRCIO. **Elegias**. Tradução Aires A. Nascimento, Maria Cristina Pimentel, Paulo F. Alberto e J. A. Segurado e Campos. Assis/Lisboa: Accademia Properziana del Subasio/Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, 2002.

THEOCRITUS et al. **Greek bucolic poets**. With an English trans. by J. M. Edmonds. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 2011 [1912].

VARRÃO. **Das coisas do campo**. Tradução, introdução e notas de M. Trevizam. Campinas: Unicamp, 2012.

VIRGIL. **Georgics**. Edited with a commentary by R.A.B. Mynors. Oxford: Clarendon Press, 2003 [1990].

_____. **Georgics**: volume 2 – books III-IV. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1997 [1988].

_____. **The Eclogues & Georgics**. Edited with introduction and notes by R.D. Williams. London: Bristol Classical Press, 2001 [1979].

VIRGILE. **Bucoliques**. Texte établi et trad. par E. de Saint-Denis, introduction et notes de Jean-Pierre Néraudeau. Paris: Les Belles Lettres, 2002 [1997].

_____. **Géorgiques**. Texte trad. par E. de Saint-Denis, introduction, notes et postface par J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

VIRGILIO. **Eneide**: volume primo, libri 1-6. Introduzione di Antonio La Penna, trad. e note di Riccardo Scarcia. Milano: Rizzoli, 2002.

_____. **Eneide**: volume secondo, libri 7-12. Trad. e note di Riccardo Scarcia. Milano: Rizzoli, 2002.

ESTUDOS E OBRAS DE REFERÊNCIA

ANDREAU, J. **L'économie du monde romain**. Paris: Ellipses, 2010.

BASSETTO, B. F. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: Edusp, 2005.

BORCA, F. **Luoghi, corpi, costumi**: determinismo ambientale ed etnografia antica. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2003.

CANALI, L. **Vie de Pline: ou l'art des merveilles**. Trad. C. Mileschi. Paris: Arléa, 2005.

CATO; VARRO. **On agriculture**. With an English trans. by W. D. Hooper, revised by H. B. Ash. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 2006 [1934].

DUMÉZIL, G. **Mythe et épopée I**: l'idéologie des trois fonctions dans les épopées des peuples indo-européens. Paris: Quarto/Gallimard, 1986 [1968].

FLEISCHER, U. Musentempel und Octavianeuhung des Vergil im Proömium zum dritten Buche der "Georgica". **Hermes**. Stuttgart, v. 88, p. 280-331, 1960.

GALE, M. **Virgil on the nature of things**: the "Georgics", Lucretius and the didactic tradition. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

GIORDANI, M.C. **História da Grécia**. Petrópolis: Vozes, [s.d.].

_____. **História de Roma**. Petrópolis: Vozes, 1968.

GRIMAL, P. **A civilização romana**. Tradução I. St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 2009.

_____. **Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

_____. **La littérature latine**. Paris: Fayard, 1994.

HARTOG, F. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Tradução J. L. Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2014 [1999].

KURMAN, G. Ecphrasis in epic poetry. **Comparative Literature**. Eugene, v. 26, n. 1, p. 1-13, 1974.

LA PENNA, A. Introduzione. In: VIRGILIO. **Eneide**: volume primo libri 1-6. Introduzione di Antonio La Penna, trad. e note di Riccardo Scarcia. Milano: Rizzoli, 2002. p. 5-246.

LE GLAY, M.; VOISIN, J.-L.; LE BOHEC, Y. **A history of Rome**. Trans. by A. Nevill. Malden (MA); Oxford; Victoria: Blackwell Publishing, 2008 [2005].

MEIRELLES, M. Roma et barbaries: a evolução do conceito de barbárie na antiga Roma. **Phaos**. Campinas, v. 12, p. 5-27, 2012.

MOMIGLIANO, A. **Alien Wisdom: The Limits of Hellenization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993 [1971].

MURPHY, T. **Pliny the Elder's "Natural History"**: the Empire in the Encyclopedia. Oxford: Oxford University Press, 2009 [2004].

PIMENTEL, M.C. **Catão Censor**. Lisboa: Inquérito, 1997.

PUTNAM, M.C.J. Italian Virgil and the idea of Rome. In: VOLK, K. (org.). **Oxford readings in Classical Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 138-160.

_____. **Virgil's poem of the earth**: studies in the "Georgics". Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1979.

ROBERT, J.-N. **La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine**. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

SCHEID, J. **La religion des romains**. Paris: Armand Colin, 2010 [2007].

THIBODEAU, P. **Playing the Farmer**: Representations of Rural Life in Vergil's "Georgics". Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2011.

TREVIZAM, M. Mitologia e ruralidade no livro III das "Geórgicas" de Virgílio. **Phaos**. Campinas, v. 11, p. 67-82, 2011.

_____. Relatos da peste em Virgílio, "Geórgicas" III, e Lucrécio, "De rerum natura" VI. **Humanitas**. Coimbra, v. 66, p. 167-188, 2014.

VASALY, A. **Representations: Images of the World in Ciceronian Oratory**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1993.

VIDAL, J.L. Bucólicas y Geórgicas. In: CODONER, C. (Org.). **Historia de la literatura latina**. Madrid: Cátedra, 2007 [1997]. p. 155-175.

WILKINSON, L.P. Pindar and the Proem to the third "Georgic". In: VOLK, K. (Org.). **Oxford Readings in Classical Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 182-188.

_____. **The "Georgics" of Virgil**: a critical survey. Norman: Oklahoma University Press, 1997 [1969].